

CANTARELLA, E. *Pompei. I volti dell'amore*. 2. ed. Milano: Mondadori, 1999. 171 p.

VARONE, A. *L'erotismo a Pompei*. Roma: L'Erma, 2000. 115 p.

Lourdes M. G. C. Feitosa*

O tema da sexualidade na Antigüidade clássica tem se tornado cada vez mais corrente nas publicações sobre o período, tendo sido analisados diversos aspectos, tais como o erotismo, o corpo, os prazeres, o amor, a prostituição, o adultério e a virgindade¹. Estes estudos surgem de análises que procuram integrar os aspectos econômicos, políticos e sociais juntamente com os valores culturais e as mentalidades, com a finalidade de compreender, em sua totalidade, os homens e as mulheres da Antigüidade. Para esta finalidade, os pesquisadores têm se utilizado de variadas fontes como a literatura, as inscrições, os grafites, as imagens e as fontes jurídicas.

No rol destas publicações, cabe destacar os dois recentes estudos de Eva Cantarella *Pompei. I volti dell'amore* e de Antonio Varone, *L'erotismo a Pompei*, que serão aqui resenhados. Cantarella, preocupada em compreender a condição feminina na Antigüidade clássica, tem se especializado na questão da bissexualidade no modo com que eram amadas as mulheres no mundo antigo². Varone é um especialista em inscrições parietais pompeianas. Sua obra anterior *Erotica Pompeiana*³ é dedicada à compilação, tradução e análise de grafites relacionados a temas amorosos.

Nos títulos dos dois livros *Pompei, i volti dell'amore* e *L'erotismo pompeiano* existem referência direta ao nome de Pompéia,

* Doutoranda em História pela Universidade Estadual de Campinas e bolsista da FAPESP.

pois utilizam grande quantidade de documentos recuperados deste local, fontes estas que constituem importante corpo documental sobre a civilização romana. A história particular desta pequena cidade italiana, coberta em uma erupção do Vesúvio no ano de 79 d.C., permitiu a conservação de um conjunto de documentos constituído de estátuas, grafites, inscrições funerárias, pinturas, mosaicos, moedas, peças ornamentais, utensílios domésticos e cirúrgicos, entre outros, que têm sido de grande valia para a compreensão da vida cotidiana de seus habitantes. Como salienta Cantarella:

I documenti provenienti da Pompei... sono, a differenza delle fonti scritte, 'oggettive', vale a dire descrivono la vita così com'era, e non come qualcuno la vedeva o voleva che fosse (p. 20).

Mas o objetivo dos autores é buscar a compreensão de suas respectivas temáticas em um universo mais amplo, que envolva os homens romanos do fim da República e início do Império. Para isso, analisam fontes epigráficas e iconográficas encontradas em Pompéia juntamente com as fontes literárias e jurídicas, oriundas de outras localidades romanas, confrontando suas posições e destacando as suas peculiaridades e aspectos comuns.

Em *I volti dell'amore*, Cantarella busca uma imagem dos sentimentos, dos valores e dos comportamentos de mulheres e homens romanos diante de confrontos amorosos (p. 23). A obra está dividida em três capítulos em que são discutidos o amor no matrimônio, o amor à venda, ou seja, a prostituição feminina e masculina e os amores livres. Ao longo do texto são acrescentados em forma de apêndices muito bem ilustrados e documentados outros aspectos relacionados ao tema, como entre outros, as pinturas eróticas da Terma Suburbana de Pompéia; contracepção e aborto; o mito e realidade do hermafrodita; a vila dos mistérios.

A questão central do livro é mostrar as mudanças ocorridas na condição das mulheres livres, principalmente da aristocracia, durante o período republicano e início do Império. À luz de fontes jurídicas, Cantarella realça o abrandamento de penas punitivas para as mulheres, a diminuição do poder marital com o casamento *sine manu* e uma certa autonomia para administrar os seus bens após a morte do pai. A seu ver,

estes estão entre os fatores que alteraram substancialmente a condição feminina no primeiro século, momento em que algumas mulheres participam ativamente da vida social, econômica e política, como indicam inúmeros documentos, dentre eles os de Pompéia (p. 165).

Mesmo persistindo a necessidade do consentimento dos pais e de seu poder de desfazê-los ou concedê-los a um outro por motivos econômicos ou políticos (p. 47), este tipo de união, no qual o afeto estaria subordinado ao jogo de conveniências e de alianças, seria válido, em particular, para as elites, sobretudo da capital (p. 62). Ao confrontar esta documentação jurídica com os monumentos sepulcrais, inscrições funerárias e grafites pompeianos, a autora se aproxima da tese de uma família nuclear romana baseada em uma união em que *“marito e moglie sembrano legati da sentimenti sinceri di solidarietà e di affetto...”* (p. 65), o que não impedia que o marido tivesse relacionamentos extraconjugais. Mas sempre cautelosa em analisar o documento em seu contexto histórico, Cantarella afirma que esse modelo de vida conjugal não pode ser generalizado, nem tampouco serve como uma resposta válida para todo o mundo romano (p. 65).

Entretanto, para a autora, o relacionamento baseado na paixão e no desejo é externo ao casamento (p. 55) e pode ser encontrado livremente pelo homem casado nos contatos com outras mulheres ou homens; já para as mulheres livres, de “boa família”, casadas, divorciadas ou viúvas, cujo único amor consentido era o matrimonial, esta possibilidade encontrava-se apenas no adultério (p. 139). E é justamente neste ponto que a autora alia o aspecto sexual com a dinâmica social do primeiro século: se dos documentos pompeianos emerge o quadro de uma população feminina ativa, independente e empreendedora no campo econômico e social (p. 165), considera que as fontes literárias e as inscrições apresentam-nas liberadas também no aspecto sexual (p. 157 e 165); mulheres que conquistavam a sua satisfação sexual desafiando os amores socialmente aprovados, bem como a tradicional imagem da matrona virtuosa; embora este modelo se mantivesse no campo ideológico (p. 154).

Entender como as mulheres e homens concebiam a sua sexualidade, os seus desejos e os seus comportamentos são dados significativos para compreendermos o universo romano deste período e é considerável, na obra, a preocupação da autora em analisar a condição

amorosa feminina e masculina como elementos operantes desta dinâmica social. Em relação a liberação sexual proposta por Cantarella para as mulheres livres, em especial para as abastadas, permanece uma indagação do quanto é válido utilizar grafites pompeianos – *graphio inscripta* – que são registros populares, para representar esta categoria de mulheres. Ao lermos a tese defendida, é necessário termos claro que a afirmação baseia-se em grafites, escritos por populares e em obras da literatura, escritas por homens aristocráticos, mesmo porque ainda não foram encontrados registros amorosos femininos deixados por mulheres das elites; as características destas fontes justificam uma devida cautela diante de uma afirmação tão categórica.

Varone, em *Erotismo pompeiano*, inicia uma discussão para conceituar o erotismo na sociedade romana do século primeiro e faz isso a partir do contexto espiritual, religioso, cultural e mental dos romanos deste período⁴. Segundo o autor, erótico é um lugar indistinto entre o espírito e o sentido, em que a emoção se confunde com a tentação (9), assim, nem todas as representações sexuais são de carácter erótico, pois este conceito é estabelecido pela própria sociedade de acordo com seus valores, contexto e época.

Inicia com a discussão sobre figuras com representações sexuais apreciadas não por seu carácter erótico, mas sim pelo irônico, humorístico ou apotrópico, como é o caso da imagem do falo em lamparinas, estátuas, mosaicos e grafites; cenas de amor entre pigmeus neolíticos; cenas de sexo entre três ou quatro pessoas e outras do género.

Então, o que são manifestações eróticas para os romanos? Para dissertar sobre isto, o autor analisa três esferas: a pública, a privada e a sacra. Defende que a excitação erótica, além de proveniente de imagens, também advém de inúmeros outros contextos tais como leituras, observação de órgãos genitais ou cópula (voyeurismo) – como ilustram quadros nos quais o momento amoroso é acompanhado por escravos –, exibicionismo – excitação gerada no casal visto por outrem no momento do sexo –, ato de ver a si e o outro nu durante a relação, ou ainda, em ritos de iniciação e de fertilidade.

Podemos fazer algumas observações pertinentes a esta obra. Quando o autor analisa as imagens, é um tanto questionável a sua classificação do que é e não é erótico: por que uma cena de falo em uma lamparina pode ser considerada apotrópica (fig. 13) enquanto uma cópula

é erótica (fig. 54)? O fato de uma cena de cunilíngua (fig. 28), de amor a três (fig. 26) ou a quatro (fig. 29) serem relacionadas como irônicas não justifica um pré-julgamento de algo “esdrúxulo” e, portanto, destinado ao riso? Como uma cena de felação pode, simultaneamente, ser irônica e erótica (figuras 27 e 53), se o autor faz questão de distinguir uma situação da outra? Também as definições de voyeurismo e de exibicionismo utilizadas para explicarem a presença de escravos nas pinturas de cópulas, poderiam justificar situações que pareceriam óbvias, mas para a nossa mentalidade. Aliás, seria apropriado a utilização de um termo moderno como voyeurismo para explicar uma situação na Antigüidade?

Embora Varone recomende que é importante não transferirmos juízos e conceitos atuais para um povo de formação tão diversa da nossa (p. 106), podemos considerar que sua análise dos documentos apresentasse fundamentada mais em noções e julgamentos estabelecidos pelo senso comum, do que em uma sólida base teórica. É certo que o texto tem o mérito de iniciar uma discussão sobre o conceito, mas deve ser lido com as devidas precauções.

Para finalizar, gostaria de salientar que ambas as obras tratam de temas muito específicos, o amor e o erotismo, e oferecem contribuições para a questão da sexualidade entre os romanos do primeiro século e, além disso, podem ser saboreadas por um público não específico, pois são de leitura bastante agradável e com muitas ilustrações. Os conceitos abordados, principalmente por Cantarella, foram analisados através de variadas fontes, tendo sido mostrados intrinsecamente relacionados com outros aspectos da vida romana e com a mentalidade do momento.

Entendo que são textos indicados para leitores interessados em compreender as questões de gênero e particularmente sobre a sexualidade humana e que, embora focando um momento específico, certamente levam-nos a ponderar sobre a especificidade de nossas próprias relações, bem como de nossa herança histórica.

Notas

1. Como exemplo destes estudos podemos citar, dentre outros, os trabalhos de ROBERT, J. N. *Les plaisirs à Rome*. Paris: Belles Lettres, 1983; RICOTTI, E. S. *P. Amori e amanti a Roma*. Tra republica e Impero. Roma: L'Erma, 1992; D'AVINO, M. *Pompei proibita*. Erotismo sacro, augurale e di costume

nell'antica città sepolta. Napoli: Procaccini, 1993; TANNAHILL, R. *Storia dei costumi sessuali*. Milano: BUR Supersaggi, 1994; COOPER, K. *The virgin and the bride*. Idealized womanhood in late Antiquity. Cambridge/London: Harvard Press, 1996; GALÁN, J. E. *La vida amorosa en Roma*. Madrid: Temas de Hoy, 1996; HALLETT, J. P. and SKINNER, M. B. (Eds.) *Roman sexualities*. New Jersey: Princeton, 1997; LARMOUR, D. et alii (Eds.) *Rethinking sexuality*. Foucault and Classical Antiquity. New Jersey: Princeton, 1998; ROBERT, J. N. *Eros romano*. Sexo y moral en la Roma Antigua. Madrid: Complutense, 1999.

2. Em seu trabalho anterior, denominado *Secondo Natura*. Roma, Riuniti: 1988, Cantarella procura compreender a questão do homossexualismo e do heterossexualismo masculino e feminino nas sociedades grega e romana, analisando a ética sexual antiga e os amores considerados lícitos e proibidos nestas sociedades.
3. VARONE, A. *Erotica Pompeiana*. Iscrizioni d'amore sui muri di Pompei. Roma: Lerma, 1994. Esta publicação faz parte de um amplo trabalho de revisão e edição da documentação gráfica e fotográfica do patrimônio epigráfico parietal vesuviano, a ser publicado como um fascículo de suplemento do *Corpus Inscriptionum Latinarum* (CIL), vol. IV.
4. Luciana Jacobelli, em seu livro *Le pitture erotiche delle Terme Suburbane di Pompei*. Roma: L'Erma, 1995, analisa um conjunto de pinturas as quais considera como eróticas, embora enfatize que, além de estimular o desejo sexual, estas cenas também poderiam assumir conotações religiosas, apotropáicas, satíricas, humorísticas ou simplesmente componentes agradáveis e naturais da vida. Varone concorda com Jacobelli quanto aos diversos sentidos atribuídos a uma imagem sexual, mas, ao perceber que não eram todas as cenas de estímulo à libido, procura definir o que é erótico para os romanos do primeiro século.